
Um telejornal de homens?

Invisibilização e silenciamento das mulheres no Boa noite Paraná¹

Ariane PEREIRA²

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

Renata CALEFFI³

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Caroline ALBERTINI⁴

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)

RESUMO

Esta pesquisa é resultado da percepção do movimento que resultou na completa masculinização da redação da RPC-TV Guairacá, afiliada Rede Globo, no segundo semestre de 2018, com substituição de todas as jornalistas mulheres por jornalistas do sexo masculino. A partir dessa invisibilização e desse silenciamento das mulheres, procuramos identificar como se dava essa distribuição de vozes – femininas e masculinas – nos telejornais da emissora e também das demais afiliadas da Rede Paranaense de Comunicação, de modo a evidenciar se era um fenômeno localizado ou generalizado. Para isso, desenvolvemos um levantamento em que são quantificados os aparecimentos de rostos de homens e mulheres como apresentadores, repórteres e entrevistados.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; telejornalismo; mulher; gênero.

Introdução

Julho de 2019. Guarapuava, cidade do interior paranaense, virou manchete de jornais – sejam eles online, impressos, radiofônicos ou televisivos. O motivo? O feminicídio da advogada Tatiane Spitzner, morta por estrangulamento antes de ser atirada pelo marido, o professor universitário Luiz Felipe Manvailler, da janela do apartamento em que moravam no quarto andar de um edifício de alto padrão no centro da cidade. O desfecho trágico é resultado de mais um caso de violência doméstica no

¹Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

²Doutora em Comunicação e Cultura, mestre em Letras, graduada em Jornalismo. Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Conversas Latinas em Comunicação (CLC). Integrante da Rede Brasileira de Pesquisadores de Telejornalismo (Rede TeleJOR). Diretora de Planejamento da Intercom. E-mail: ariane_carla@uol.com.br.

³Doutora em Políticas Públicas, mestre em Comunicação, graduada em Jornalismo. Professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Integrante do Grupo de Pesquisa Conversas Latinas em Comunicação (CLC). E-mail: recaleffi88@gmail.com.

⁴Graduada em Jornalismo. Integrante do Grupo de Pesquisa Conversas Latinas em Comunicação (CLC). Email: caruline.albertini@gmail.com.

município, que até 2015 figurava na relação dos 100 brasileiros mais violentos para mulheres, segundo o Mapa da Violência contra a Mulher.

A análise da cobertura deste caso de feminicídio, conforme Pereira (2018), evidenciou que ele recebeu abordagens diferentes nos telejornais nacionais da Rede Globo, estaduais da RPC-TV e local da RPC-TV Guairacá. Enquanto os primeiros, desde o domingo da morte, o abordaram como feminicídio – que é, segundo a lei de mesmo nome, a morte de mulheres pelo simples fato de serem mulheres –, os locais só deram esse tratamento à notícia no quarto dia de cobertura, a partir da fala da promotora do caso em entrevista ao vivo no Paraná TV segunda edição, em que esta dizia ter certeza tratar-se de um.

O telejornal local só utiliza o termo “feminicídio” (...) depois que depoimentos, a promotora e a defesa de Tatiane passam a falar que o casal vivia um relacionamento abusivo, com violência de gênero por parte de Manvailler e em indícios de que Tatiane estaria disposta a se separar. (PEREIRA, 2018, p.11)

Uma das hipóteses da pesquisadora, é que o silenciamento do termo pode estar associado a própria imagem da sociedade guarapuavana, bastante conservadora e com muitos resquícios de comportamentos patriarcais ou machistas.

Outubro de 2018. Poucos meses depois da morte de Tatiane Spitzner, os telejornais da RPC-TV passaram por uma reformulação editorial. Mudanças que atingem também a composição de algumas redações – como a da TV Guairacá, de Guarapuava – com troca de funções, transferências, demissões e contratações. Nesse momento, a emissora da cidade que contava com apenas duas jornalistas – uma que ocupava função de chefia e outra repórter – passa a ser toda masculina, com um editor-chefe, um editor/apresentador, um editor, dois repórteres e dois pauteiros/produtores, além de dois repórteres cinematográficos.

Diante desses dois cenários, ambos de violência contra a mulher – um de violência física/familiar, outro de violência simbólica, por tratar-se de um silenciamento e de um apagamento da mulher enquanto aquela que tem a informação e pode disseminá-la –, este artigo tem como objetivo identificar qual é o lugar de fala da mulher nos telejornais das emissoras integrantes da RPC-TV. Inquietação que se justifica “porque as mulheres continuam em desvantagens na agenda pública, inclusive

em países onde constituem a maior parte da população” (SAVIETTO, 2015, p.52), como o Brasil.

Para além disso, como ressalta Karam, o jornalista tem a capacidade de reconstruir o cotidiano de maneira plural, auxiliando na liberdade de acesso à informação e refletindo sobre as relações de poder que mantém o sistema vigente. Mas como ter um discurso diverso, se o próprio olhar não é divergente, como quando formatado apenas por homens. O telejornal, assim, poderia estar reforçando e difundindo visões naturalizadas de hierarquia de gênero, ou seja, reafirmando e ampliando a invisibilidade feminina.

Para a realização da pesquisa, tomamos como *corpus* as edições do Boa Noite Paraná exibidas entre os dias 29 de abril e três de maio de 2019, pelas emissoras de Cascavel, Curitiba, Foz do Iguaçu, Guarapuava, Londrina, Maringá, do Noroeste (que engloba Paranaíba, Cianorte e Umuarama) e Ponta Grossa da RPC-TV.

O lugar do jornalismo na sociedade contemporânea

O desenvolvimento dos meios de comunicação terminou por transformá-los no principal meio de difusão do conhecimento na sociedade, colocando sob sua responsabilidade o trabalho de difusão, entre os seres humanos, de experiências e ideias (Rudiger, 2010). A comunicação é uma das pontes para a interação entre os sujeitos, a fim de que sentidos sejam estabelecidos e concretizados. Neste processo, os meios também atuam como formadores de subjetividades e de realidades sociais, criando um mundo comum e partilhado entre indivíduos.

No Brasil, os meios de comunicação exercem um papel de destaque nas discussões políticas e na formação da opinião pública há muito tempo. É uma variável recorrente a televisão como um ator coletivo importante em diferentes processos, que incluem decisões políticas, construção e efetivação de políticas públicas, apropriações culturais, entre outros. Para Santos (2008), a televisão, por ser um dos principais meios de acesso à informação e ao entretenimento para a maioria da população, conquistou o poder de disseminar práticas e costumes, que acabam influenciando na estruturação da sociedade.

Meio de comunicação mais consumido pelos brasileiros, é através da TV que a grande maioria dos moradores do país se informa. De acordo com Pesquisa Brasileira

de Mídia de 2015, divulgada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (2015)⁵, no Paraná, 75% dos entrevistados afirmaram assistir televisão todos os dias. Eles passam, em média, 3 horas 50 minutos por dia em frente ao televisor. Outro dado da pesquisa é que 59% dos paranaenses assiste aos canais abertos de televisão. 79% dos entrevistados disseram que utilizam a televisão para se informar e ter acesso às notícias; e 67% para diversão e entretenimento. A pesquisa também demonstra que os canais abertos ainda são a mídia mais consumida.

Esse amplo consumo midiático em televisão reflete em aspectos decisivos na construção imagética social. Com tamanha relevância para a população, compreender o papel da mulher diante desse cenário ajuda a mensurar quanto as discussões de gênero são importantes para a construção de um jornalismo mais equitativo, que garanta pluralidade de vozes e de discursos. Seguindo preceitos de uma mídia democrática, apresentados por Matos (2013), é compromisso dos meios dar voz a diferentes grupos da sociedade, bem como ampliar a sua discussão, a fim de que se consiga efetivar os padrões profissionais de qualidade.

Jornalismo e gênero ou o gênero no jornalismo

As mulheres, numericamente, são maioria entre a população brasileira. Em 2017, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do IBGE⁶, a composição do tecido social nacional era de 51,6% de mulheres e 48,4% de homens. Superioridade numérica que não se reflete em termos de representatividade, o que é, segundo Temer e Lima, uma consequência, ainda no século XXI, da primazia do machismo, esse “pensamento da supremacia masculina que baseia-se em afirmar a superioridade masculina e reforçar a inferioridade da mulher em várias formas de discurso” (TEMER; LIMA, 2014, p.4).

Como forma de garantir essa relação de desigualdade, a mulher foi submetida a uma gama de imposições, proibições e julgamentos. Em sua história das mulheres, Michelle Perrot afirma que a forma de excluí-las da dinâmica social foi, por séculos, restringir a participação feminina à esfera do lar. No espaço privado, estávamos

⁵Disponível em <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>.

⁶ Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.htm>.

“confinadas no silêncio de um mar abissal” (PERROT, 2007, p. 16). Processo de privação que só começa a apresentar as primeiras fissuras nos últimos dois séculos e somente no passado é que “as mulheres começaram a conquistar outros espaços até então exclusivos do sexo masculino, como o direito ao voto e o acesso ao mercado de trabalho” (JOHN, 2014, p.500).

No Brasil, a entrada da mulher no mercado de trabalho foi pelas vias também do ambiente privado, executando afazeres domésticos ou exercendo o magistério (entendido como um compartilhar da educação das crianças com as mães delas). Hoje, ocupamos postos por muito tempo considerados exclusivos de homens. Assim, em 2016, 44% das vagas eram ocupadas por mulheres, segundo dados do Ministério do Trabalho baseados no Caged, que é o Cadastro Geral de Emprego e Desemprego, e na Rais, a Relação Anual de Informações Sociais. Participação que, mais uma vez, não significa equidade. A média salarial de homens, aponta o Pnad/IBGE 2015, é de R\$ 2.012,00, enquanto a de mulheres é de R\$ 1.522,00. Essas diferenças são estruturais para a sociedade patriarcal, que insiste em reforçar relações sociais historicamente constituídas.

No Jornalismo também somos maioria. A pesquisa “Perfil do jornalista brasileiro – características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012” - realizada pelo Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com a Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas) - constatou-se que há uma feminização nas redações, que têm 63,7% das vagas ocupadas por mulheres. Dado que reforça nosso estranhamento em relação a composição exclusivamente masculina da RPC-TV Guairacá, sediada numa cidade que mostra-se, dia a dia, conservadora e defensora da tradição, entendida como os costumes amparados no patriarcado.

RPC-TV

A RPC-TV – formada pelas emissoras de TV de propriedade da Rede Paranaense de Comunicação – entrou em operação em 1960. Atualmente, a rede possui oito afiliadas – Curitiba, Londrina, Maringá, Ponta Grossa, Guarapuava, Cascavel e Paranavaí) – que exibem programação local e estadual, e também retransmitem o sinal da Rede Globo. Segundo informações dispostas no site da empresa, sua missão é ser a

maior e a melhor provedora de informação, serviço e entretenimento do Estado do Paraná, atingindo mais de 5 milhões de telespectadores⁷. O GRPCOM, ainda segundo o portal, com visão e critérios éticos, transformou a comunicação no Paraná, de modo que “conhecer a história do GRPCOM é conhecer uma parte significativa da história da comunicação, do desenvolvimento do Paraná e da construção da democracia no Brasil”⁸.

O jornal de início da noite exibido pela emissora desde sua implantação, inicialmente com o nome “Jornal Estadual – 2. edição”. Em 1999, passou a se chamar “Paraná TV 2.edição” para marcar a reformulação editorial promovida pela emissora, por exemplo substituindo os apresentadores-locutores por apresentadores-jornalistas/editores e também ampliando sua edição vespertina. Quase 20 anos depois, em 2018, numa segunda reformulação, passa a se chamar “Boa noite Paraná”.

O telejornal é exibido localmente, a partir de conteúdos produzidos pela equipe de reportagem de cada praça. Porém, recorrentemente conteúdos de destaque de outras localidades são replicado em outra(s) região(ões). É nesse momento de mudanças estruturais que as redações também se reconfiguram e surge a questão: a equidade entre gêneros está presente nas redações do Boa noite Paraná?

Boa noite Paraná: um telejornal de homens?

Para a análise que propomos, ou seja, compreender se há uma masculinização das redações da RPC-TV, tomamos como *corpus* as edições do Boa noite Paraná exibidas entre os dias 29 de abril e três de maio desse ano, pelas oito emissoras do grupo. O levantamento segue as premissas da pesquisa quantitativa. A metáfora apresentada por Bauer e Gaskell (2003) detalha exatamente esse processo: “Se alguém quer saber a distribuição de cores num jardim de flores, deve primeiramente identificar o conjunto de cores que existe no jardim; somente depois disso pode-se começar a contar as flores de determinada cor. O mesmo é verdade para os fatos sociais” (p.24).

Assim, apresentamos a seguir uma série de oito tabelas com os resultados encontrados. Para o trabalho, levamos em consideração apenas os rostos visíveis nos telejornais (sem diferenciar se são ou não integrantes da equipe da praça em questão), e não as outras funções de bastidores.

⁷Dados apresentados no site da emissora, disponível em <http://redeglobo.globo.com/rpc/>.

⁸Disponível em <http://www.grpcom.com.br/grpcom/historico.html>.

Tabela 1 – Boa noite Paraná edição Cascavel

Apresentador		Repórteres		Fontes	
H	M	H	M	H	M
	1	9	4	16	2
Adriana Calicchio		Ana Flávia Nunes (3) Cícero Bittencourt (4) Raphaela Potter (1) Vinícius Frigeri (2) Wilson Kirsch (3)		conselheiro tutelar (1) coord. UBS (1) coord. imunização (1) delegado (1) empresário (1) médico (1) policial (5) pres. Coopavel (1) pres. Sind. Caminhoneiros (1) promotor (2) reitor (1) secr. saúde (1) vereador (1)	

Fonte: elaboração das autoras⁹

Tabela 2 – Boa noite Paraná edição Curitiba

Apresentador		Repórteres		Fontes	
H	M	H	M	H	M
1		16	10	10	2
Sandro Dalpícolo		Bruno Fávaro (3) Carolina Wolff (3) Leticia Paris (1) Malu Mazza (1) Marcelo Rocha (2) Paola Manfroi (5) Roberson Tamuzzi (4) Wesley Cunha (1) William Batista (1) Wilson Kirsch (5)		advogado/a contador delegado diretor Iluminação Pública Ctba médica veterinária pesquisador policial pres. APP-Sindicato promotor reitor UFPR vice-governador	

Fonte: elaboração das autoras

⁹ Não defendemos que azul é a cor definidora do sexo masculino e rosa do feminino. As cores foram adotadas apenas para facilitar a visualização dos resultados.

Tabela 3 – Boa noite Paraná edição Foz do Iguaçu

Apresentador		Repórteres		Fontes	
H	M	H	M	H	M
1		15	9	24	2
Ronaldo Ragadali		Cícero Bittencourt (1) Marcelo Rocha (1) Marcos Landim (3) Michelli Arenza (2) Paola Moraes (1) Raphaela Potter (3) Renan Gouvêa (5) Solange Riuzim (1) Vinícius Frigeri (3) Wilson Kirsch (2) *Repórter mulher sem G/C (2)		bombeiro capitão PM conselheiro tutelar delegado diretor-geral Itaipu diretor-técnico executivo Itaipu guarda municipal médico padre policial promotor reitor responsável FozTrans testemunha	

Fonte: elaboração das autoras

Tabela 4 – Boa noite Paraná edição Guarapuava

Apresentador		Repórteres		Fontes	
H	M	H	M	H	M
1		18	3	11	6
Lucas Henning		Carolina Wolf (1) Cícero Bittencourt (1) Giovan Valcati (2) Murilo Souza (3) Raphaela Potter (1) Solange Riuzim (1) William Batista (8) Wilson Kirsch (2) *Repórter homem sem G/C (2)		chefe Epidemiologia Gpuva contadora coord. Programa Família Acolhedora delegado funcionário público presidente APP-Sindicato padre policial pres. câmara vereadores Gpuava professora promotor secr. Assistência Social téc. segurança trabalho vendedor vice-governador Paraná	

Fonte: elaboração das autoras

Tabela 5 – Boa noite Paraná edição Londrina

Apresentador		Repórteres		Fontes	
H	M	H	M	H	M
	1	20	6	26	2
Patrícia Piveta		Caroline Wolff (1) Cícero Bittencourt (1) Eduardo Lhamas (2) Fábio Silveira (7) Juliane Guzzoni (1) Luciane Cordeiro (3) Paola Moraes (1) Victor Hugo Bittencourt (2) Vinícius Frigeri (6) Wilson Kirsch (2)		advogado chefe gabinete prefeito Lda conselheira/o tutelar delegado diretor UBS diretora Vigilância e Saúde economista policial pres. APP-Sindicato pres. CMTU Lda pres. Sercomtel professor promotor secr. Assistência Social PR técnico Londrina vice-governador PR	

Fonte: elaboração das autoras

Tabela 6 – Boa noite Paraná edição Maringá

Apresentador		Repórteres		Fontes	
H	M	H	M	H	M
	1	11	6	20	
Natália Garay		Eduardo Lhamas (1) Juliane Guzzoni (4) Rildo Herrera (6) Solange Riuzim (1) Vinícius Frigeri (1) William Souza (2) Wilson Kirsch (1) *Repórter mulher sem G/C (1)		advogado bombeiro delegado diretor-geral Saúde maestro médico pres. Instituto Planejamento Mgá promotor responsável Lepac secr. Educação PR secr. Saúde	

Fonte: elaboração das autoras

Tabela 7 – Boa noite Paraná edição Noroeste

Apresentador		Repórteres		Fontes	
H	M	H	M	H	M
1		9	17	12	1
Tiago Pereira		Cícero Bittencourt (1) Eduardo Lhamas (1) Juliane Guzzoni (1) Kátiuscia Reis (8) Marcela Souza (3) Paola Moraes (5) Raphael Costa (1) Vinícius Frigeri (1) Wilson Kirsch (3) *Repórter homem sem G/C (2)		conselheira tutelar delegado diretora trânsito Pvaí padre policial pres. Coopavel pres. Sindicato Caminhoneiros promotor secr. Saúde PR secr. Segurança/Trânsito Pvaí vice-governador	

Fonte: elaboração das autoras

Tabela 8 – Boa noite Paraná edição Ponta Grossa

Apresentador		Repórteres		Fontes	
H	M	H	M	H	M
	1	3	7	18	5
Caroline Mafra		André Salamucha (1) Carla Yarin (2) Eduardo Lhamas (1) Viviane Mallmann (5) Wilson Kirsch (1)		advogado chefe Ciretran PG coord. Trânsito AMTT delegado deputada federal ministro Meio Ambiente pres. AMTT-PG pres. Câmara Vereadores PG professor promotor reitor UFPR representante prefeitura PG técnico Operário vereador	

Fonte: elaboração das autoras

Seguindo a metodologia quantitativa de Bauer e Gaskell (2003), que institui a análise a partir de quatro dimensões para a pesquisa social (Levantamento de amostragem; Coleta de Dados; Tratamento analítico e; Intencionalidades do objeto) e

cumpridas as duas primeiras etapas, essa pesquisa parte para o tratamento dos dados coletados e intencionalidades do objeto.

A análise quantitativa dos telejornais evidencia que há, sim, uma masculinização das redações – ou pelo menos dos TJs – da RPC-TV. A equidade é presente apenas no número de apresentadores homens e mulheres, quatro de cada. Já entre os repórteres, a diferença é bastante acentuada. Ao contrário do que mostrou a pesquisa de 2012 da UFSC/Fenaj, eles são ampla maioria: 62%; enquanto elas representam os rostos de 38% das reportagens e entradas ao vivo. “A exclusão das vozes femininas desses espaços”, sentenciam Marino e Coutinho, “contribui de modo significativo para a manutenção da discriminação de gênero” (2018, p.13). A presença dos repórteres homens é superior em seis das oito praças – Cascavel, Curitiba, Foz do Iguaçu, Guarapuava, Londrina e Maringá. Apenas em Ponta Grossa e na edição Noroeste, as mulheres representam o maior número de ocorrências.

O monitoramento de mídia demonstra reflexos também de uma sociedade que não coloca a mulher em papel decisório. No Governo Ratinho Junior, recém-eleito governador do Paraná, das 15 secretarias, apenas uma é ocupada por mulher. Se os olhares se voltarem ao Governo Federal, esse número é tão problemático quanto o paranaense. Do total de 22 ministérios, apenas duas cadeiras têm comando feminino. E diante de um cenário político que exclui a mulher do processo decisório e das arenas de participação, a realidade midiática complementa essa construção estereotipada.

A hegemonia masculina é ainda mais visível – e nesse caso, literalmente, já que os rostos são mostrados – quando o olhar do analista se volta para as fontes. Do total de 157 especialistas ouvidos, apenas 20 – ou seja, 12,7% - eram mulheres. Todos os outros 137 – isto é, 87,3% -, homens. Essa exclusão da mulher do debate contribui, sobremaneira, para a reafirmação de imagens do ser homens e do ser mulher baseadas nas definições tradicionais de masculinidade – como a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura – e feminilidade – por exemplo, a maternidade e a vida doméstica.

Como pensar em equidade de gênero frente a uma mídia cada vez menos plural? Para Matos (2013), cabe a mídia, muitas vezes, fortalecer o desenvolvimento positivo, atuando como um fórum de debate entre interesses conflitantes. Entretanto, o que temos é um predomínio do discurso masculino e hierarquizado de maneira que reforce os

estereótipos femininos. Sobre as intencionalidades na escolha do objeto, outra seleção apresentada pelos autores da pesquisa quantitativa, garante-se a conclusão de que, mesmo com avanços sociais, as mulheres seguem diminuídas no ambiente do trabalho.

Como apresentado no início dessa pesquisa, a praça de Guarapuava motivou e levantou as hipóteses centrais, precisamente por coberturas de feminicídio. Confirmando justamente esse ponto, a praça é amplamente masculinizada. Mas não é a única que adota esse padrão, ou seja, isso não é exclusivo da região central do estado. Foz do Iguaçu e Curitiba também tiveram a maioria de fontes, apresentador e repórteres na figura masculina. Exemplo péssimo da não equidade de gênero também na cidade de Maringá, onde nenhuma mulher participou de entrevistas.

O jornalismo, aqui entendido como um acontecimento discursivo, não apenas refrata/reflete a realidade. Ele, sim, a (re)elabora na medida em que aponta para a sociedade maneiras tanto de ler o mundo, quanto de se posicionar nele, de ser – a partir das relações de poder que o perpassam – por ele subjetivado (Pereira, 2018a). Dessa maneira, ao invisibilizar e silenciar mulheres, o Jornalismo não só corrobora para a manutenção dos ideais do patriarcado e do machismo como vontades de verdade dominantes na sociedade do tempo presente, como também evidencia um alinhamento a essa formação discursiva. Esse posicionamento vai contra o princípio básico de conquistar as mentes e os corações para a causa da justiça social, como enunciou ainda na década de 1980 Clóvis Rossi. Se ele tem todas as ferramentas para que os silenciados falem e sendo ouvidos, ele percorre caminho inverso. “Se nossas vozes são aspectos essenciais de nossa humanidade, ser privado de voz é ser desumanizado ou excluído da sua humanidade” (SOLNIT, 2017, p.28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cumprindo os objetivos propostos, o monitoramento de mídia realizado apresentou a realidade do telejornalismo local no que tange à representação feminina em seu telejornal do início da noite. Confirmando a hipótese, há um predomínio quantitativo no número de homens que falam e são vozes das construções das notícias veiculadas no Boa Noite Paraná. Em todas as praças, o número de homens entrevistados é maior (significativamente) do que o de mulheres. Inclusive há o

exemplo maringauense, onde sequer uma mulher fez parte das fontes das notícias veiculadas.

Como função social do jornalismo, sabe-se que é primordial a busca por fontes confiáveis e que auxiliem a reportar a notícia, e essa construção deve primar por refletir a realidade da sociedade em que o profissional está inserido. Mas se o jornalismo, durante esse processo de construção de notícia, não consegue atender aos princípios da pluralidade, imparcialidade e que não pensa na construção de políticas igualitárias entre homens e mulheres, cabe perguntar a qual caminho, portanto, ele está seguindo, já que está, como mostrado nesse estudo, amplamente masculinizado.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2003.

JOHN, Valquiria Michela. Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres 2012. In: *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol.11 N.2. Julho-Dezembro 2014

KARAM, Francisco José. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus Editorial, 1997

MARINO, Caroline; COUTINHO, Iluska. *Mulheres na mídia, invisibilidade e silenciamento: “Pergunta a ela” de Think Olga e o direito humano a comunicação*. Anais Intercom 2018. Joinville: Intercom, 2018.

MATOS, Caroline. *Mídia e Política na América latina*. Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, Ariane. *Ser mãe é... A maternidade normalizada pelo discurso jornalístico*. Curitiba: Appris, 2018.

_____. *Discurso e dispositivo: o emprego de conceitos foucaultianos como abordagem e método da pesquisa em Telejornalismo*. Anais 16. Encontro Nacional de Pesquisadores em Telejornalismo. São Paulo: SBPJor, 2018. Disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1423/703>.

PERROT, MICHELLE. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

RUDIGER, Francisco. *As teorias de comunicação* São Paulo, 2010

SANTOS, Mirella de Fretias. *Cultura Popular e a sociedade midiática contemporânea*. Colóquio Internacional de Televisão e Realidade. 2008



SAVIETTO, Daniele. Mulheres e mídia global: uma análise internacional da perspectiva das mulheres sobre suas representações midiáticas. 2015. *Dissertação de mestrado* (2. Ciclo em Comunicação e Jornalismo). Universidade de Coimbra, Portugal.

SOLNIT, Rebecca. *A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TEMER, Ana Carolina Pessôa; SANTOS, Marli dos. *Subjetividades na cobertura jornalística*. Anais do XXV Encontro Anual da Compós. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2016.

_____; LIMA, Fernanda Ribeiro. *A mulher e seus diferentes papéis na sociedade moderna e no telejornalismo goianiense*. Anais Intercom 2014. Foz do Iguaçu: Intercom, 2014.